



A IDENTIDADE CULTURAL E SOCIAL DA MULHER NEGRA EM *QUARTO DE DESPEJO*¹

THE CULTURAL AND SOCIAL IDENTITY OF THE BLACK WOMAN IN "CHILD OF THE DARK"

Renata Teixeira de Castro Tobaldini²
Maiara Cristina Segato³

Resumo: Com a publicação de *Quarto de Despejo*, em 1960, Carolina Maria de Jesus torna-se uma das precursoras da literatura de autoria feminina negra no Brasil. Em relação à mulher negra, no cenário brasileiro, podemos encontrá-la, em um primeiro momento, sendo representada; depois, ela mesma escrevendo sobre si, na medida em que a organização política e social feminista avança, dando espaço, assim, às diversas minorias (negros, homossexuais, índios). Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é discutir a identidade cultural e social da mulher negra na referida obra, tomando como referência as especificidades das “escrevivências” da autora. Para tanto, este trabalho respalda-se, nos estudos sobre identidade e nas proposições da Literatura de autoria feminina e da Crítica feminista (ZOLIN, 2018), nos estudos sobre a Literatura negra (EVARISTO, 2005, 2009), bem como outras pesquisas relacionadas ao objeto.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina negra. Identidade cultural e social. *Quarto de Despejo*.

Abstract: With the publication of “Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus”, in 1960, the author becomes one of the first of the literature of black female authorship in Brazil. In relation to the black women, in the Brazilian scenario, we can find it, at first, being represented; later, writing about herself, as the political and social organization feminist advances, allowing thus the various minorities (Blacks, homosexuals, Indians). In this sense, the objective of this study is to discuss the cultural and social identity of the black woman in that work, with reference to the specifics of the “writings” of the author. Therefore, this study supports, in the studies on identity and the propositions of the Literature written by women and Feminist Criticism (ZOLIN, 2018), in studies on black literature (EVARISTO, 2005, 2009) as well as other research related to the object.

Key-Words: Black female authorship literature. Cultural and social identity. Child of the dark.

¹ Artigo recebido em 30/04/2019 e aceito para publicação em 05/06/2019.

² Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais (UEL), Especialista em Estudos Literários (UNESPAR). E-mail: renatatctobaldini@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-6327-8830>.

³ Mestre em Estudos literários – Literatura e historicidade (UEM). Membro do grupo de pesquisa GEPEDIC e Diálogos literários. E-mail: maiarasegatoletras@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-5506-5739>.

Introdução

O livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* foi um grande fenômeno editorial, não só no Brasil, sendo vendido em mais de 40 países. Nesta obra, a autora Maria Carolina de Jesus narra fatos cotidianos vivenciados por ela e por sua família, no período em que viveu na Favela do Canindé, em São Paulo. Por meio de uma narrativa forte, valendo-se da narrativa autobiográfica e de testemunho, Carolina apresenta as particularidades de suas condições de vida, sobretudo dos desafios enfrentados cotidianamente para garantia de sua sobrevivência e dos seus filhos.

Carolina Maria de Jesus, mineira de Sacramento, instala-se com a família em São Paulo, em 1937. Desde a infância, trabalhou em ocupações precarizadas, na área rural com a família em Minas, como “bóia fria” em cidades do interior de São Paulo, como empregada doméstica e, posteriormente, catadora de material reciclável. Estudou apenas as duas séries iniciais do ensino fundamental, mas nunca dispensou a oportunidade de ler, mesmo que fossem livros descartados que encontrava no lixo.

Após fixar residência na Favela do Canindé em 1938, passa a ter como principal meio de sustento da família, o trabalho como “catadora de papel”. Nos cadernos que recolhia do lixo, passou a anotar seu dia a dia na favela, sendo que, em 1955, passou a fazê-lo de forma sistemática.

Além de *Quarto do Despejo – Diário de uma favelada*, foram publicados *Os provérbios de Carolina Maria de Jesus* (1963), *Pedaços da Fome* (1963), *Diário de Bitita* (1986), *Sócrates Africano* (1994), *Minha Vida* (1994), *Meu estranho Diário* (1996) e *Antologia Pessoal* (1996). Sua obra não se reduz apenas aos diários, sendo que dentre as obras citadas, estão peças de teatro, provérbios, contos, romances, cartas e bilhetes e textos memorialísticos. Entretanto, é inegável que, o gênero diário lhe trouxe reconhecimento e notoriedade literária.

O objetivo do presente trabalho é discutir a identidade cultural e social da mulher negra, dadas as especificidades das “escrevivências⁴” de Carolina, visto que trata-se de uma mulher negra, chefe de família e trabalhadora precarizada, exercendo a função de catadora de materiais recicláveis, sem garantia de nenhum direito trabalhista e moradora de uma área periférica, em uma das maiores cidades do país.

⁴ Termo empregado por Conceição Evaristo, escritora da literatura de autoria feminina negra contemporânea.

A posição da mulher negra na Literatura Brasileira

Nos anos 1960, período em que foi publicado *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, o contexto literário brasileiro não era favorável às mulheres. Até esse período, havia destaque para obras canônicas, as quais “guardam relações bastante estreitas com o modo de o mundo ser representado, com a ideologia aí veiculada e, também, é claro, com quem o está representando” (ZOLIN, 2010, p. 185), geralmente homens, brancos e de classe média-alta. Sendo assim, há, então, um silenciamento de segmentos não autorizados a falar, como as minorias marginalizadas, dentre as quais as “mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados...” (ZOLIN, 2010, p. 185).

Visando problematizar a representação da mulher na literatura canônica, a Crítica Feminista surge nesse contexto. Inicialmente, o foco é revisitar essas obras de modo a desnudar práticas discursivas patriarcais, papéis femininos naturalizados, bem como representações estereotipadas da mulher as quais não contemplam a diversidade de identidades femininas que existem na realidade.

Em um segundo momento, a crítica feminista volta-se para a produção das próprias mulheres, as quais foram se ampliando, na medida em que se avança a organização política e social das mulheres, por meio do feminismo, o que resulta na gradual conquista do direito de falar por si. Há então uma representação da mulher diferente da concepção hegemônica, a qual visa “conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais” (ZOLIN, 2010, p. 186).

Nas últimas décadas, a literatura de autoria feminina no Brasil, vem avançando no sentido de retratar a pluralidade de perfis femininos, representativos do conjunto das diferentes perspectivas sociais das mulheres.

Quanto à especificidade da mulher negra, em todas as épocas e gêneros, esses estereótipos são reproduzidos na representação literária, apresentando uma imagem deturpada, geralmente ligada ao “seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (EVARISTO, 2005, p. 52). Conceição Evaristo (2005) chama a atenção para a ausência da representação da mulher negra como musa, heroína, ou mesmo mãe, matriz de uma família, sendo frequentemente representadas isoladamente de um grupo familiar.

A mesma autora enfatiza que durante “toda a formação da literatura brasileira existiram vozes negras desejosas de falar por si”, porém a década de 1970 foi um período “marcante na afirmação dos textos negros” (2009, p. 09), em consonância com a nova consciência política e as pontuações ideológicas do movimento negro.

Neste momento,

Amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência (EVARISTO, 2009, p. 09).

Desta feita, as autoras negras também passam a se autorrepresentar, criando uma literatura “em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Citando nomes como o de Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Geni Guimarães, dentre outras, Evaristo (2005) relata que, nessas primeiras publicações, “essas escritoras buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz a uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder (p. 54).”

O gênero autobiográfico e a escrita de si

Com a publicação de *Quarto de Despejo*, em 1960, Carolina Maria de Jesus torna-se uma das percussoras da literatura de autoria feminina negra no Brasil. Porém, ela o faz a partir de uma narrativa autobiográfica e de testemunho, valendo-se de seu diário íntimo.

É a partir de um discurso direto, que narra o presente vivido, que Carolina representa a complexidade do contexto em que ela vive. Santos (2015, p. 37) salienta que a autora pauta-se no “mundo da oralidade, dos encontros e desencontros da favela em contradição com as notícias veiculadas pela imprensa escrita, com as leituras dos livros de poesia”.

Germana Henriques Pereira de Sousa (2012, p. 32) afirma que Carolina consegue, na escrita de seus diários, algo que é próprio do gênero

autobiográfico, a capacidade de “aliar a escrita do particular, o centramento da narrativa do eu-narrador, ao universal, quando insere o eu no mundo e, a partir do ponto de vista próprio, conta a favela, os favelados, e depois, a cidade de São Paulo e o país a sua volta”.

Carolina deixa expresso em seu texto como ela se vê no contexto da favela e da cidade de São Paulo, bem como, a maneira como é vista pelas pessoas que viviam no mesmo território e pelas demais pessoas, dos bairros do entorno da favela e do centro da cidade. Como exemplo, destacamos alguns trechos.

Sobre a realidade da favela ela afirma, “Não há coisa pior na vida do que a própria vida. Favela, sucursal do inferno, ou o próprio inferno” (JESUS, 2014, p. 165).

O seu olhar sobre a cidade de São Paulo é retratado da seguinte forma:

19 de Maio: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 2014, p. 37)

07 de julho: “Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas.” (JESUS, 2014, p. 85)

Quando vai a um edifício na área central da cidade para buscar papéis que ganhou de uma moradora, ela anda de elevador e é observada por um morador. Então, ela narra essa experiência em seu diário: “No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço.” (JESUS, 2014, p. 111).

A partir dessa realidade e desse contexto, ela também amplia seu olhar para a realidade do país em que vive, citando em várias entradas do diário, a relação dos políticos com o povo em geral e com a população que reside na favela, em particular.

No dia 10 de Maio de 1958, ela faz o seguinte registro: “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças” (JESUS, 2014, p. 29).

Em sua narrativa, vários papéis se entrecruzam ou se sobrepõem, em momentos em que se tem demarcada a autora, ora a narradora ou ora a personagem. Santos (2015) esclarece que no gênero memorialístico predomina o discurso do autor-narrador, baseado em reflexões sobre o passado, com algumas inserções no presente e antecipação do futuro. Porém, no diário de Carolina a narrativa baseia-se predominantemente, no presente vivido pela autora-narradora, sendo composta pela reprodução de discurso direto.

Nesse movimento, narrando o cotidiano de forma crua e direta, Carolina aborda fatos do entorno em que vive, e também consegue descrever a beleza de cenas que observa e se surpreende. Para Santos, “Sua capacidade de apreciar a beleza a impulsiona em direção à vida e à salvação” (2015, p. 37).

12 de junho: “Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela” (JESUS, 2014, p. 58).

Sousa (2012) esclarece que a especificidade do gênero autobiográfico é justamente a linha tênue entre real e ficcional. Valendo-se das considerações de Bella Jozef, ela destaca o duplo enfoque da autobiografia, em sendo, como o “eu” reage ao mundo e como o mundo reage ao “eu”. Jozef (1997, *apud* Souza, p. 152) cita que “o tema essencial de toda autobiografia são realidades experimentadas concretamente, em que a realidade externa se modifica pela vida interior”.

Para Moreira (2012, p. 16), em “Quarto de Despejo” a autora faz mais que um registro auto-biográfico, nesta obra, ela escreve um “depoimento porta-voz de um grosso extrato social transgeracional da população brasileira”.

A identidade na obra quarto do despejo

Ewald e Soares (2007) conceituam “identidade” como o que é idêntico ou que possui uma essência compartilhada. Acrescentam que há intrínseca relação entre identidade pessoal (subjetividade) e identidade cultural (intersubjetividade), pois a cultura pode ser vista como uma “unidade expressiva que orienta a ação de uma comunidade” (2007, p. 24).

Bonnici (2007) define identidade como um conjunto de características pessoais ou comportamentais pelas quais o indivíduo é reconhecido como membro de um grupo, sendo, portanto, sempre relacional e em constante transformação.

Portanto, pensar a identidade pressupõe pensar em uma essência compartilhada, “que pertence a muitos ou a todos” (EDWALD e SOARES, 2007, p. 24). A identidade pessoal se forma a partir de um processo dialético em que forças sociais que operam sobre o indivíduo, sobre as quais o indivíduo também atua e forma a si mesmo. Há, então, o compartilhamento intersubjetivo, mas sempre com espaço para a singularidade (EDWALD e SOARES, 2007).

De acordo com Santos (2015, p. 45), “em cada papel social que é interpretado pelo indivíduo, há uma reposição de uma identidade coletiva pressuposta. No entanto, em um processo simultâneo, o indivíduo compõe sua identidade individual, marcada por suas singularidades”.

Para Hall (2011), no momento atual, o sujeito pós-moderno não tem uma identidade “fixa, essencial ou permanente”, têm-se um processo pluralizante sobre as identidades sociais, visto que as identidades grupais estão cada vez mais flexíveis e híbridas.

Carolina Maria de Jesus, na escrita de seu diário, produz uma representação de si e das identidades coletivas da realidade a que pertence. Santos (2015. P. 12) diz que “Carolina, em sua literatura, mostra-nos sempre uma síntese de si, a imagem que tem e constrói dela própria, de seu “eu” e a dos “outros”, contribuindo para pensarmos a identidade sempre de modo relacional: fruto da relação do eu com o outro - identidade/alteridade”.

Para tratar da constituição da identidade e da interação do indivíduo com o meio em que vive, há que se abordar sua história e o contexto social, o que faremos brevemente a seguir.

Carolina chega a São Paulo em 1937, em pleno contexto de desenvolvimentismo, em que muitos trabalhadores de outros estados

migram para a cidade, ou seja, novos atores sociais passam a compor a vida urbana.

José Carlos Gomes da Silva (2006-2007) afirma que para além dos fatos ligados ao âmbito pessoal e familiar, em *Quarto de Despejo* é possível encontrar “relatos sobre a expulsão dos pobres das regiões centrais, sobre a precariedade dos transportes coletivos, as péssimas condições de moradia em cortiços e favelas” (SILVA, 2006-2007, p. 01).

Essa segregação socioespacial tem início nas primeiras décadas do século XX, quando as fábricas e moradias se concentravam na região central da cidade. A grande demanda por moradia, bem como a necessidade de pagar aluguéis mais acessíveis, fizeram com que os trabalhadores passassem a habitar moradias precárias, como os cortiços e porões.

Na metade do século XX, no entanto, esse modelo torna-se insustentável, visto que o desenvolvimento econômico gera a necessidade de uma reorganização do espaço urbano, visando o escoamento da produção. Há então, a intervenção do poder público visando “assegurar a remodelação das edificações e o alargamento das vias outrora destinadas a carroças e bondes”, inclusive valendo-se da retomada do discurso higienista disseminado no início do século. A principal estratégia foi acabar com as “casas de cômodos” das regiões centrais, valendo-se inclusive de medidas coercitivas (SILVA, 2006-2007, p. 03).

Esse mesmo autor cita que, neste momento, devido a este remodelamento do espaço público, aproximadamente de 10 a 15% da população tenha sido obrigada a abandonar suas residências. Inicialmente foram alocadas em moradias provisórias e em seguida em espaços periféricos, os quais vieram a se tornar “favelas”.

O sentimento íntimo do estado de abandono coletivo experimentado pelas camadas populares durante o processo de transição da vida urbana para um novo padrão de segregação espacial foi apreendido subjetivamente por Carolina. A escritora descreveu as transformações em curso enquanto sujeito social e cronista. Narrou o que viu, ouviu e sentiu do ponto de vista dos migrantes pobres, negros e favelados (SILVA, 2006-2007, p. 04).

Moreira (2012) analisa a representação social do pobre em *Quarto de Despejo*. Segundo ele, ao denominar a favela como local “de despejo”, em contraposição aos demais espaços urbanos, descritos por ela como a

“sala de visita” (sede do governo), “sala de jantar” (prefeitura), “jardim” (cidade), Carolina reconstrói esse espaço como local onde são destinados os restos e detritos da cidade.

Essa descrição coaduna com a realidade retratada no decorrer da obra, sendo a favela um local sujo, com pouca infraestrutura, de delinquência juvenil, de contraste social com localidades do entorno, como doença social. Um local onde a população “não tem vez” e “não tem voz” (MOREIRA, 2012).

Não há mudança de direção nos anos seguintes com a Política Nacionalista de Getúlio Vargas e com o projeto desenvolvimentista e de internacionalização da economia brasileira de Juscelino Kubitschek. Vários são os comentários na obra, como o do dia 16 de Maio: “Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos” (JESUS, 2014, p. 33). E também na passagem de 20 de Maio:

“... Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade” (JESUS, 2014, p. 38).

Carolina demonstra ter consciência deste contexto social e político, criticando em várias passagens da obra os políticos e seus comportamentos.

Identidade cultural da mulher negra presente em *Quarto de despejo*

Por meio de sua escrita, Carolina se autorrepresenta como mulher, negra e pobre (SOUSA, 2012). Santos (2015, p. 49) cita que “Carolina cria uma representação de si e do outro para tratar da complexidade em que vive”.

Tal como abordado anteriormente, para discutir identidade, é preciso ter claro que se trata de algo em constante transformação, a identidade é dialeticamente construída nas relações sociais entre os indivíduos em suas singularidades e o contexto social (intersubjetivo).

Sendo assim, Carolina Maria de Jesus, teve sua identidade formada desde a sua primeira infância, em Minas Gerais, e é marcada por todo o contexto sócio-histórico em que viveu e que a levou a viver na

favela do Canindé, no período em que escreve seu diário. Porém, Carolina posiciona-se criticamente diante desta realidade, nela interferindo e influenciando.

No livro *Quarto de Despejo*, fica claro que o principal meio para compreender sua realidade e a principal arma para modificá-lo é a sua escrita. Por meio da escrita, a autora lida com suas emoções, organiza seu pensamento, reafirma seus posicionamentos, ressignifica sua realidade e por meio dela também expressa seu sonho, espera alçar uma ascensão social, que compreendia sair da favela e residir em uma casa de alvenaria.

Carolina, além das dificuldades socioeconômicas, teve pouco tempo de educação formal e era uma mulher negra. Nada disso impediu que a escrita fosse cotidiana, uma necessidade vital.

Destacamos algumas entradas do diário que evidenciam isso, como a do dia 28 de Maio: “Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio” (JESUS, 2014, p. 45), a do dia 17 de Julho: “Passei a noite assim: eu despertava e escrevia. Depois adormecia novamente” (JESUS, 2014, p. 65) e de 13 de Agosto: “Eu estava escrevendo, esperando o arroz secar”. (JESUS, 2014, p. 109)

Registra também as dificuldades cotidianas com as quais precisava lidar para escrever.

27 de Julho: “Esquentei a comida para os meninos e comecei a escrever. Procurei um lugar para eu escrever socegada. Mas aqui na favela não tem estes lugares. No sol eu sentia calor. Na sombra sentia frio. Eu estava girando com o caderno na mão quando ouvi vozes alteradas. Fui ver o que era (...)” (JESUS, 2014, p.101).

Por meio da escrita, ela lida com suas emoções, sendo que em algumas circunstâncias narradas ela deixa de entrar em conflito com outras pessoas, por utilizar-se da escrita como um meio de se acalmar para enfrentar as situações desafiadoras, tal como descrito nas seguintes passagens do diário, de 18 de julho: “Mesmo elas [vizinhas] aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter” (JESUS, 2014, p. 16) e também em 20 de julho: “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo” (JESUS, 2014, p. 22)

Na entrada do diário de 06 de janeiro de 1958, a autora narra um fato que exemplifica muito bem o que a escrita representa para ela. Em

um estabelecimento comercial, após perguntar por alguns produtos e a funcionária diz que não tem, com a sua saída, para outro cliente ela diz que tem. Carolina revolta-se e assim, escreve em seu diário no dia 06 de janeiro: “Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. Ordinária!” (JESUS, 2014, p. 151).

Após o fato que a deixa tão nervosa, sua reação é sair do local, retornar para a favela e, posteriormente, iniciar o embate com a vendedora, não pessoalmente, através de uma briga, mas mediada por seu caderno e caneta. É por meio da escrita que ela reage e demonstra sua indignação pelo tratamento recebido.

Nesta obra, *Quarto de Despejo*, é possível apreender a identidade de Carolina Maria de Jesus, autora e personagem, a partir do movimento entre igualdade e diferença entre os demais sujeitos dos vários grupos sociais com os quais ela se relaciona. Não há um único papel, ela é múltipla e mutável, e como todos os sujeitos, é contraditória e marcada por tensões e conflitos.

Para tratar da identidade de Carolina, faz-se mister abordar a identidade social de seu entorno, dadas as particularidades do território e do tempo histórico em que vive. Santos (2015, p. 66) diz que, “Através da articulação de igualdades e diferenças, cada posição de Carolina a determina, fazendo com que sua existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações”.

Em sua narrativa autobiográfica, ela apresenta seu olhar sobre si, e nesta descrição da representação do “Eu”, Carolina “é muitas”, ela é mulher, mãe, negra, escritora, favelada, etc... expressa-se uma totalidade.

Carolina se define como uma mulher forte, que enfrenta adversidades para garantir o sustento dos filhos, que se basta mesmo não tendo um marido, porém também demonstra resignação. Várias são as passagens do diário em que isso fica explícito, como as seguintes: “Enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los [os filhos]” (JESUS, 2014, p. 16; “Mas eu sou forte! Não deixo nada imprecionar-me profundamente. Não me abato” (JESUS, 2014, p. 21), e também “... Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias (...) Suporto as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência” (JESUS, 2014, p. 18).

No dia 06 de julho de 1958 ela escreve “... Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que eu vim ao

mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (JESUS, 2014, p. 81).

No período em que Carolina escreve, o divórcio não era permitido por lei no Brasil, sendo que as mulheres “desquitadas” não tinham boa reputação. No entanto, ela é uma mulher solteira, mãe de três filhos: José Carlos, João José e Vera Eunice, ou seja, seu grupo familiar não expressa os ideais da família nuclear burguesa.

Apesar de, em alguns momentos, manifestar suas dificuldades em assumir sozinha o sustento dos filhos, Carolina não cede às convenções sociais, tendo sempre uma avaliação crítica sobre os possíveis relacionamentos. É a opinião e o julgamento dela que se sobressai: “O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas *eu não quero* porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler” (JESUS, 2014, p. 49).

Como mãe, Carolina demonstra seu sofrimento devido às circunstâncias em que os filhos estão expostos na favela. Em várias entradas do diário, ela lamenta o fato das crianças presenciarem brigas, agressões, alcoolismo, violência contra a mulher, entre outras. Vários são os conflitos em que os próprios filhos se envolvem. Por todo esse contexto, ela também manifesta seu desejo em residir fora da favela. Sonha para eles um futuro diferente, por isso faz questão de que frequentem a escola e fica feliz ao vê-los alfabetizados.

Porém, o que mais a aflige, como mãe, e está registrado em várias passagens do diário é justamente a dificuldade enfrentada diante da fome dos filhos, bem como de mantê-los com vestuário e calçados em boas condições. No dia 20 de Maio ela escreve: “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais?” e a palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha na panela e não tem mais” (JESUS, 2014, p. 38), e em 15 de junho: “E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome” (JESUS, 2014, p. 63).

Carolina descreve a precariedade da vida nesse contexto, sem a garantia de direitos mínimos sociais necessários para a subsistência, inclusive, chegando a associar a uma “vida primitiva”. Descreve a necessidade de cozinhar com lenha e, diante do desespero da fome, chega a alimentar-se com gêneros encontrados no lixo, assemelhando-se aos animais.

Isso porque, como “catadora”, Carolina tem uma renda incerta, cada dia recolhendo papéis, ferro e demais materiais recicláveis, ela

contabiliza, descreve os gêneros que foi possível adquirir, mas consegue sempre menos que o mínimo para uma sobrevivência digna. Por vezes há o alimento, mas falta a gordura para o cozimento, o sabão para lavar a roupa, entre tantos outros itens. O que se ganhava era para a manutenção daquele dia, havendo sempre a dúvida e a incerteza quanto ao dia seguinte. São várias as situações limite enfrentadas, o que faz a autora/narradora, em algumas circunstâncias, pensar em suicídio.

Sobre sua condição de mulher negra, a princípio destaca a beleza de suas características físicas, em um contexto onde a representação da mulher negra estava pautada na reafirmação de estereótipos a elas relacionados, tal como destacado anteriormente, a partir dos escritos de Evaristo (2005, 2009).

16 de junho: “(...) eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça que ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (JESUS, 2014, p. 64).

Para além da representação de si, Carolina descreve o seu olhar sobre os outros com quem convive, os quais são os demais moradores da favela, pessoas que ali transitam para fazer caridade, bem como pessoas com as quais cruzava em todo espaço urbano em que transitava catando papel, tanto na periferia quanto no centro da cidade.

Na sua condição de “favelada”, Carolina mantém uma relação hostil com os demais moradores da favela, contraditoriamente se distancia e se identifica com eles. Tentava se diferenciar por meio da escrita e da leitura, condenava comportamentos dos vizinhos, sobretudo das mulheres, ameaçava escrever sobre eles em seu livro, desejava ascender socialmente o que significava, basicamente, residir em uma casa de alvenaria fora da favela, mas, ao mesmo tempo, na condição de autora/personagem, identifica-se com o sofrimento trazido pelas intempéries de quem vivia naquele território, sendo solidária aos demais que sofriam como ela.

Nessa relação conflituosa, com o território em que vivia, desenvolve-se uma relação, também conflituosa, com as demais mulheres do local. Desde a manhã, na fila para buscar água, nas discussões que envolviam seus filhos, nos comportamentos que reprovava, até o olhar das

outras mulheres sobre si, as quais ela acusava de julgarem-na pelo fato de não ser casada, de manter o hábito da leitura, de ter um rádio, e de escrever um diário com fatos cotidianos que as envolvem. Ela realmente utiliza do diário para denunciar os fatos cotidianos na favela, cita nomes e inclusive ameaça os demais de citá-los em seus escritos.

Silva (2016), ao pesquisar sobre a representação da mulher na obra de Carolina, afirma que esta se dá em meio a uma contradição entre a reprodução de estereótipos e a escrita de si. Valendo-se de uma análise amparada nos pressupostos teóricos da ginocrítica, ou seja, avaliando a literatura escrita por mulheres, relacionando esta escrita aos contextos sociais mais amplos. Segundo ela,

não é possível atribuir uma escrita ou crítica feminista fora da estrutura dominante, pois ao se considerar os fatores sociais, econômicos e políticos de uma sociedade dominada por homens, conceber a existência de uma escrita essencialmente feminina é ilusório (SILVA, 2016, p.111).

Com esse olhar mais geral, não baseando-se apenas no texto mas no “contexto” da obra, Silva (2016) discute como Carolina pôde “romper com os mesmos estereótipos que representa” (p. 113), uma vez que, ao ser uma mulher que vivia rompendo padrões femininos da época, ao mesmo tempo, como ser histórico, também reproduz um discurso pautado de juízos de valor, com relação às demais mulheres.

Ela critica outras mulheres por seus comportamentos, ao passo em que elogia um ideal de mulher perfeita, e por vezes faz generalizações. No dia 17 de julho ela escreve “Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo querem saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor de que estou grávida! E eu, não sabia!” (JESUS, 2014, p. 14).

Destaca-se também os seguintes trechos: “As mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa” (JESUS, 2014 p. 50) e “a curiosidade é amiga das mulheres” (JESUS, 2014, p. 62).

Por tais afirmações, fica claro que não basta uma obra ser escrita por uma autora mulher, para que sejam rompidos estereótipos a respeito do coletivo das mulheres na sociedade, já que, devido ao contexto mais geral, estas também internalizam a dominação, a qual é apreendida nas relações sociais.

Isso se evidencia na passagem em que Carolina apresenta seu olhar sobre as mulheres casadas e as mulheres solteiras. Ao mesmo tempo em que reproduz valores com relação ao comportamento das primeiras, questiona e subverte com relação às segundas.

22 de Outubro: “Esta história de mulheres trocar-se de homens como se estivessem trocando de roupa, é muito feio. Agora uma mulher livre, que não tem compromissos pode imitar o baralho, passar de mão em mão” (JESUS, 2014, p. 126)

De acordo com Silva (2016), a “representação da realidade social, filtrada e estilizada pela autora é muito mais complexa”, ao passo em que apresenta visões conservadoras quanto às mulheres da favela, demonstra em seus escritos “ter sido uma mulher consciente de si e das situações de violência simbólica inerentes àquela sociedade, a qual reproduz e ao mesmo tempo questiona em seus escritos” (SILVA, 2016, p. 124). Tal como nos excertos a seguir: “Elas [as vizinhas] alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas” (JESUS, 2014, p. 16).

Nesse sentido, é bastante presente, em seus escritos, como as mulheres eram tratadas por seus companheiros, sendo frequentemente agredidas ou obrigada a pedir esmolas.

22 de julho: “Era 19 horas quando o senhor Alexandre começou a brigar com sua esposa. Dizia que ela havia deixado seu relógio cair no chão e quebrar-se. Foi alterando a voz e começou a espancá-la. Ela pedia socorro. (...) Em um minuto, a notícia circulou que um homem estava matando a mulher. Ele deu-lhe com um ferro na cabeça. O sangue jorrava. Fiquei nervosa” (JESUS, 2014, p. 184).

A violência é retratada como parte do cotidiano da personagem, não raro sendo abordada na obra, como questões relativas a “confusões de papéis familiares, sendo comuns casos de adultério, pedofilia, incesto, prostituição e alcoolismo infantil” (MOREIRA, 2012, p. 06).

Considerações finais

Por meio de uma narrativa autobiográfica, Carolina Maria de Jesus, apresenta em *Quarto de despejo* seu olhar sobre si (singularidade) e sobre a realidade em que vive (intersubjetivo). Nesta descrição da

representação do “Eu”, Carolina “é muitas”, ela é mulher, mãe, negra, escritora, favelada, ou seja, expressa-se em uma totalidade.

“Embora o discurso carolinano tenha se desenvolvido em um plano microscópico, subitamente o vemos deslocar-se para a esfera macropolítica. Surgem então nestes casos, expressões indignadas, endereçadas aos políticos, identificados como principais responsáveis pelas adversidades que as camadas populares enfrentavam na vida urbana” (SILVA, 2006-2007, p. 04).

Oriunda de uma camada social com baixo grau de instrução formal, Carolina almeja, por meio de sua literatura ser respeitada como escritora. É através da escrita que a autora busca se diferenciar e se contrapor ao “nivelamento sociocultural em relação aos demais favelados” (MOREIRA, 2012, p. 05), ao mesmo tempo em que denuncia a dificuldade dos extratos menos favorecidos da sociedade em ter acesso à educação, à leitura e à escrita.

Santos (2015, p. 17) cita que “A autora escreve para denunciar a favela e para sair dela”. Evaristo (2009) evidencia que é muito significativo na história de Carolina Maria de Jesus o seu desejo de escrever, sendo ela uma mulher negra e favelada.

O desejo, a crença e a luta pelo desejo de ser reconhecida como escritora, enquanto tentava fazer da pobreza, do lixo, algo narrável. Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como sendo o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento (EVARISTO, 2009, p. 28).

Carolina, mesmo com todas as contradições, fala de si, fala o que vive e, sobretudo, fala por si. Neste momento, dada a ausência da auto-representação da mulher negra na literatura, torna-se uma das percussoras da literatura de autoria feminina negra no Brasil.

Com a leitura e a análise de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, podemos perceber que, a partir da autoria feminina negra, as mulheres negras vêm se inserindo no campo literário brasileiro, ressignificando suas representações, autoafirmando-se enquanto sujeitos históricos e literários, de modo a investir contra o silenciamento de suas vozes.

Referências

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista: Conceitos e Tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.54.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2011.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo** – Diário de uma favelada. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os fios dos desafios: O retrato de Maria Carolina de Jesus no tempo presente. *In: SILVA, V. G. (Org.). Artes do corpo*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

MOREIRA, André Luis Gomes. Carolina Maria de Jesus e a representação social do pobre em Quarto de Despejo. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 13-21, 2012. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/2091/1817>. Acesso em: 11 jan 2018.

SANTOS, Laura Gabriela Alves dos. **Carolina Maria de Jesus: Análise identitária em quarto de despejo - diário de uma favelada**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da UFG, Catalão. 2015.

SILVA, Eliane da Conceição. A Representação da Mulher em Carolina Maria de Jesus: Entre o Estereótipo e a escrita de si. *In: ARRUDA, A. A.; (et all) (Orgs.). Memorialismo e Resistência. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, José Carlos Gomes da. **História de Vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora Carolina Maria de Jesus**. UNICAMP, 2006-2007.

SOUSA, Germana Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12166>. Acesso em: 20 jul 2018.